



GT 28. Das coleções aos sujeitos, dos sujeitos às coleções: nova luz sobre os acervos etnográficos musealizados

Coordenador(es):

Adriana Russi Tavares de Mello (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Lúcia Hussak Van Velthem (Museu Paraense Emilio Goeldi)

Sessão 1

Debatedor/a: Marília Xavier Cury (MAE-USP)

Sessão 2

Debatedor/a: Lia Fernandes Peixinho (UNIRIO)

Desde o final da década de 1990 os processos museológicos relacionados às coleções etnográficas vem sendo alvo de críticas, reflexões e significativas mudanças. Nesse sentido, a antropologia e a museologia reviram seus pressupostos epistemológicos o que provocou entre outros a constituição de uma nova ética na relação com os chamados “informantes” ou “povos representados” nas coleções. Paralelamente, em diferentes localidades os povos tradicionais, os povos indígenas e outros povos tem se organizado para pressionar governos, pesquisadores e a sociedade em geral na garantia de seus direitos, o que por sua vez em muitos casos desaguou na formulação de políticas próprias que lhes asseguram tais direitos. Direito ao território, às memórias, às tradições, à língua, à educação diferenciada e ao patrimônio são apenas alguns destes direitos. Implicadas com tais mudanças, diversas instituições e iniciativas lançam uma nova luz sobre as coleções etnográficas, iluminando práticas que são construídas por um fazer colaborativo com povos indígenas, populações tradicionais e outros grupos sociais na busca de novos sentidos para além das próprias coleções. Assim, este GT pretende acolher relatos de experiências e reflexões, conduzidas em espaços museais ou fora deles por diferentes atores, que versam sobre o duplo caminho que articula coleções e sujeitos, sujeitos e coleções.

Coleções antigas ? novos significados: Reflexões sobre encontros recentes entre o povo Katxuyana e as coleções katxuyana

Autoria: Astrid Kieffer-Døssing (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Nessa apresentação focalizo algumas experiências oriundas da pesquisa de campo para meu doutorado, em que trabalhei com o povo indígena Katxuyana, ameríndios Caribe, no norte do Pará. Aqui faço uma reflexão sobre a interação entre sujeitos Katxuyana e coleções museais, compreendendo isso como parte do desenvolvimento do papel dos museus e suas coleções etnográficas hoje em dia. Parte da minha pesquisa de campo incluiu uma forma de ?retorno virtual? de coleções museais de quatro museus europeus. Para tanto eu elaborei cadernos com fotos dos objetos ao povo Katxuyana. Os objetos que integram as coleções destes museus foram coletados durante duas expedições dinamarquesas no final da década 1950. Em 1968 os Katxuyana migraram de seu território e só voltaram cerca de 35 anos depois. Porém, desde a coleta dos objetos, eles quase haviam sido esquecidos na literatura antropológica e museal, sem exposições ou muitas pesquisas até 2010. No momento quando os museus adquiriram os objetos, a compreensão geral era que o povo Katxuyana eventualmente ia desaparecer; deixando só os objetos como vestígios materiais da sua cultura. Nesse sentido, as coleções foram consideradas como ligadas principalmente ao passado. Porém, a partir de 2000, o povo Katxuyana começou a retornar à área de onde eles e/ou seus pais e avôs tinham saído anos antes. Parte desse retorno incluiu uma consciência ampliada e interesse pela ?cultura katxuyana.? Um



componente disso foi a procura ativa de textos acadêmicos sobre o povo Katxuyana e também a possibilidade da existência de coleções museais desconhecidas. Isso tudo em colaboração com uma pesquisadora brasileira. Essa colaboração causou a ?redescoberta? das coleções nos quatro museus europeus. Através desse tipo de ?retorno visual,? os Katxuyana estão criando novas conexões com os objetos coletados através da sua situação contemporânea, algo que está ligado ao direito ao território, ao conhecimento e a reaprender a fazer esses objetos de novo. É possível dizer que isso está ligado a garantir o futuro do povo Katxuyana. Ademais, por causa do interesse dos Katxuyana, o significado dessas coleções foi renovado pelos museus que possuem as coleções. Ao contrario do que pensavam os profissionais/pesquisadores anteriormente, essas coleções não podem ser interpretadas apenas como matéria que ilumina o passado, mas através das conexões renovadas com os Katxuyana as coleções também estão entrelaçadas com o presente e o futuro. Assim, movimentos continuados entre coleções e sujeitos são de importância para os Katxuyana no seu work pelos seus diretos, conhecimentos e futuro, e também para os museus para cumprirem seu papel e garantirem sua importância no mundo contemporâneo e suas obrigações com povos indígenas igual os Katxuyana.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: